



Universidade Estadual de Feira de Santana  
Departamento de Saúde  
Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva  
Mestrado Acadêmico

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR ELABORADAS POR  
ALUNOS/AS DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR RURAL**

FEIRA DE SANTANA- BA  
2014

DAYSE MOTA ROSA PINTO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE VIOLÊNCIA ESCOLAR ELABORADAS POR  
ALUNOS/AS DE UMA COMUNIDADE ESCOLAR RURAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do grau de mestre na área de concentração epidemiologia e linha de pesquisa Saúde de grupos populacionais específicos.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Edna Maria de Araújo

FEIRA DE SANTANA- BA  
2014

Ficha catalográfica elaborada por  
Uariton Boaventura – CRB 5/1587

P6593r Pinto, Dayse Mota Rosa

Representações sociais de violência escolar elaboradas por alunos/as de uma comunidade escolar rural / Dayse Mota Rosa Pinto. – Feira de Santana, 2014.

45 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) Universidade Estadual de Feira de Santana, - Feira de Santana, 2014.

Orientação: Dr<sup>a</sup> Edna Maria de Araújo

1. Violência escolar. 2. Representações sociais. 3. Ambiente escolar.  
I. Araújo, Edna Maria de. II. Carvalho, Evanilda Souza de Santana. III. Título.  
IV. Universidade Estadual de Feira de Santana.

CDD 614.4

CDU 614

## AGRADECIMENTOS

Quando chegamos ao ponto esperado sempre olhamos para trás e recordamos os passos, por ora difíceis e pesados que foram dados. Esse é ponto em que meu coração enche-se de gratidão!

Foram lutas, mas ao final de mais uma etapa, posso dizer: que “*até aqui, nos ajudou o Senhor*” e a Ele dedico toda honra, glória e louvor por essa vitória! Obrigada, paizinho, pelo cuidado na estrada, pela companhia em tantas horas de estudo e pela força quando o fardo parecia demasiadamente pesado. Amo-te, Senhor.

Neste mundo, Deus escolheu anjos para me ajudar e o maior de todos eles foi o meu marido, companheiro, ao qual dedico o meu agradecimento mais carinhoso, por ter sido em todos os momentos, incansavelmente dedicado, paciente e principalmente por ter sonhado este sonho comigo. Obrigada, meu amor, essa conquista é totalmente nossa.

Ao meu pai, Antonio Rosa, por ter me ensinado a acreditar nos sonhos mais desafiadores.

À minha mãe, por ter me apoiada e pelos primeiros trabalhos escolares, os quais ela com tanto carinho e criatividade me ensinou a fazer, me ensinando a arte de estudar.

Às minhas irmãs, cúmplices, parceiras, por acreditarem em mim, dispensando amor e apoio.

À família Pinto, presente especial que Deus me deu, em especial meus sogros, pelas orações, compreensão e amor.

À família NUDES, por ter me acolhido e por me inspirar a sonhar com um futuro diferente. Especialmente pelo cuidado e acolhimento de Luciana, Tânia, Paula, Anara, Leidiane, Prof<sup>a</sup> Silvone e Prof<sup>o</sup> Luciano.

À Dr<sup>a</sup> Edna Araújo por ser uma inspiração e por ter me dado a grata oportunidade de receber os seus ensinamentos.

À Dr<sup>a</sup> Evanilda Carvalho, por ter sido um daqueles presentes que recebemos na hora em que mais precisamos e por ter um jeitinho todo especial de cuidar de gente. Esse certamente foi o maior dos ensinamentos que recebi da senhora.

Às Faculdades Adventistas da Bahia, pelo apoio e por ser uma escola para mim.

Aos meus alunos, por serem uma razão e estímulo a enfrentar mais essa etapa e por terem responderem positivamente ao meu sonho de ser professora.

Aos meus amigos, surpresas agradáveis que construí no PPGS, especialmente aos que ouviram as minhas angústias e desfrutaram mais proximamente de minhas alegrias: Jack, Daniel, Eva e Gabi. Os levarei no coração.

À escola João Tiago, por ter aberto as portas e os corações para mim. Vocês me tocaram profundamente, não posso mais ser a mesma!

Aos protagonistas que impactaram a minha visão de mundo e me cativaram!

*“De tudo ficaram três coisas:  
A certeza de que estamos sempre começando.  
A certeza de que precisamos continuar.  
A certeza de que seremos interrompidos  
antes de terminar.  
Portanto, devemos:  
Fazer da interrupção um caminho novo.  
Da queda, um passo de dança.  
Do medo, uma escada.  
Do sonho uma ponte”.*

*Fernando Pessoa*

## LISTA DE FIGURAS

1	Figura 1-	A violência no colégio.....	21
2	Figura 2	Briga no jogo.....	24
3	Figura 3-	A violência na escola.....	25
4	Figura 4-	A presença faz a diferença.....	27
5	Figura 5-	Violência na escola, não, viver bem, sim.....	29

## RESUMO

Este é um estudo qualitativo e descritivo das representações sociais sobre violência escolar elaboradas por alunos/as de uma comunidade escolar rural. A coleta de dados deu-se por meio de quatro técnicas: técnica de associação livre de palavras (TALP); desenho-estória com tema; entrevista semiestruturada e observação sistemática. A análise de conteúdo dos desenhos-estória com temas deu-se segundo o modelo proposto por Coutinho (2001) e a análise de dados extraídos da TALP e das entrevistas por meio da análise de conteúdo temática de Bardin. Da análise dos dados emergiram três categorias: Categoria 1- a violência é morte e/ou tentativa de homicídio; categoria 2- a violência é uma forma de resolver conflitos; Categoria 3 As causas da violência são a desestrutura familiar, uso de drogas e falta de informação sobre violência. As representações elaboradas pelos alunos enfatizaram os aspectos físicos da violência e apontou a problemática como reflexo dos problemas vividos fora dos muros escolares. O grupo remeteu a necessidade de que a escola seja um espaço mais atrativo para os jovens, com difusão de estratégias para o enfrentamento da violência e ações que resultem em novos arranjos nas relações sociais e no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** violência, escola, representações sociais.



## **ABSTRACT**

This is a qualitative and descriptive study of social representations about school violence made by students / those of a rural school community. Data collection took place through four techniques: technique of free association of words (TALP); cartoon-themed story; semi-structured interviews and systematic observation. Content analysis Cartoon-themed story was given according to the proposed by Coutinho (2001) model and the analysis of data extracted from TFAW and interviews through thematic content analysis of Bardin. Data analysis revealed three categories: Category 1 - violence is death and / or attempted murder; Category 2 - violence is a way of resolving conflicts; Category 3 The causes of violence are family breakdown, drug use and lack of information about violence. The representations elaborated by the students emphasized the physical aspects of violence and made the issue as a reflection of the problems experienced outside the school walls. The group referred to the need for the school to be a more attractive environment for young people, with dissemination of strategies for coping with violence and actions that result in new arrangements in social relationships and in everyday school life.

Keywords: violence, school, social representation.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>OBJETIVOS.....</b>	<b>14</b>
2.1	OBJETIVO GERAL.....	14
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
	<b>ARTIGO 01.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>36</b>
	<b>APÊNDICE A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para alunos.....</b>	<b>38</b>
	<b>APÊNDICE B- Técnica de Associação Livre de Palavras.....</b>	<b>40</b>
	<b>APÊNDICE C- Roteiro de Entrevista.....</b>	<b>41</b>
	<b>APÊNDICE D- Roteiro de Observação.....</b>	<b>42</b>
	<b>APÊNDICE E- Desenho Estória com Tema.....</b>	<b>43</b>
	<b>ANEXO A- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira.....</b>	<b>44</b>

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escola vem assumindo, milenarmente, um papel essencial na formação dos cidadãos, mediante ações construtivas e a transmissão de valores escolhidos pela sociedade. A escola pode, idealmente, configurar-se como um cenário no qual o aluno aprenderá habilidades necessárias para melhor interagir em sua comunidade, protagonizando transformações na realidade em que vive (STELKO-PEREIRA, WILLIAMS, 2012).

Todavia, ao adentrarmos as portas da escola não precisamos caminhar muito para percebermos que não é mais a mesma: o silêncio, onde anteriormente ouvia-se a voz autoritária do professor e os passos firmes do diretor deram lugar, em muitos casos, à fala compartilhada, por vezes, gritadas dos alunos. Fala esta que traz em seu bojo o eco da voz da comunidade, ora permeada por denuncia, violência ou irreverência. Neste lugar, também vemos poucos pais, ou melhor, quase nunca conseguimos nos deparar com aqueles pais que participavam das atividades escolares, querendo saber dos professores o que os seus filhos estão fazendo ou como estão se comportando.

A escola, como instituição que faz parte da sociedade, sofre os reflexos dos fatores de violência externos, os quais têm ocasionado conflitos manifestados dentro dos muros da escola, entre alunos, entre alunos e professores e muitas vezes entre alunos e indivíduos da comunidade, comprometendo o aprendizado e as relações interpessoais. Os principais impactos dessa realidade resultam em mudanças na vida dos sujeitos: dificuldades no processo de ensino/aprendizagem, evasão escolar e fragilidade das relações aluno/aluno, professor/aluno e escola/comunidade.

As constantes denúncias sobre a violência que atinge a escola, seja por meio de pesquisas, pela mídia ou até mesmo pela observação; as inquietações ligadas aos impactos da violência na vida da comunidade, bem como as possibilidades de estratégias para

enfrentamento da mesma, nos possibilitaram a desafiadora vivência de migrarmos do lugar de profissional de saúde para o espaço escolar, com suas especificidades.

A nossa primeira aproximação com os alunos/as dessa escola deu-se por meio das atividades de estímulo ao protagonismo juvenil para prevenção da violência e promoção da cultura de paz em Feira de Santana- Bahia, desenvolvidas pelos integrantes do Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdades em Saúde (NUDES) da Universidade Estadual de Feira de Santana/ Bahia durante a vigência do projeto “Tecnologias sociais para prevenção da violência e promoção da cultura da paz, desenvolvido em uma escola pública de Feira de Santana-Bahia”.

Como uma das ações do projeto acima citado, realizamos o I Seminário Municipal de Protagonismo Juvenil e Promoção da Cultura de Paz das Escolas Públicas de Feira de Santana-Bahia, onde alguns jovens da escola onde foi realizado esse estudo buscaram “unir forças” com a direção escolar e solicitaram o auxílio do NUDES para enfrentamento da problemática da violência vivenciada em seu espaço escolar.

Essa aproximação com o campo de estudo, tratando-se de uma escola municipal da rede pública de um município do interior da Bahia, foi reveladora quanto a esta questão, por percebermos a deterioração do ambiente e instalações externas e os diversos episódios de violência presentes nos momentos de encontros entre os alunos e entre alunos e professores. Foram também expressas por funcionários da escola, preocupações quanto às situações vivenciadas de desconforto e insegurança para toda comunidade escolar devido aos episódios de violência, inclusive com a presença de alunos envolvidos com o tráfico de drogas.

As pesquisas que analisam a violência na escola tornaram-se mais frequentes ao longo da década de 90, quando algumas organizações não governamentais e profissionais da educação empreenderam esforços no sentido de estabelecer diagnósticos e pesquisas de naturezas descritivas sobre tal problemática (SPOSITO, 2001).

Desde então, estudiosos tem empreendido esforços no sentido de definirem o que é violência escolar, quais as suas causas e os impactos que a mesma causa na sociedade. Todavia, essa tarefa não tem ocorrido de forma consensual, tendo apenas alguns elementos comuns, como: a noção de coerção ou força; o dano que produz em indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia (WAISELFISZ, 2011).

Em relação à violência escolar, a conceituação elaborada por Elias (2011, p.11) defende que “a expressão violência escolar envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola”.

Nota-se ainda, como revela um estudo realizado por Njaine e Minayo (2003), a crescente presença da violência na sociedade brasileira, permeando espaços antes considerados tranquilos, como a zona rural, ao fato de que a escola reflete tensões, frustrações e problemas que ocorrem do lado de fora de seus muros e que interferem negativamente na vida da comunidade.

As vivências descritas acima; o reconhecimento da parceria entre a academia e a comunidade como um importante recurso para enfrentamento da violência, bem como a experiência de outros autores, possibilitaram a transformação dessas inquietações em um objeto de pesquisa. Trata-se, portanto, de uma dissertação para obtenção do grau de mestre em Saúde Coletiva do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana, estando inserido nas ações propostas pelo projeto: “Drogas e Homicídios no estado da Bahia: o papel do Disque-Denúncia”, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

Adotaremos como ponto de partida para construção do marco teórico deste estudo, a teoria das representações sociais de Moscovici, a qual surgiu na Europa em 1961 e possibilita

a apreensão dos valores e significados atribuídos pelos sujeitos à determinada vivência (PAVARINO, 2004).

Entendemos que as Representações Sociais superam a ideia de um modelo de descrição acerca do que um grupo pensa sobre determinado tema, por ser uma modalidade de conhecimento que objetiva contribuir para a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos, propondo-se a fornecer um molde à conduta, guiar as práticas e atitudes dos participantes de um grupo. Neste sentido, configura-se como um campo fecundo para estudo do que os alunos e alunas pensam e como agem frente a este fenômeno.

O presente estudo objetivou analisar as Representações Sociais sobre violência escolar elaboradas por alunos de uma comunidade escolar rural.

Partimos do pressuposto de que existe uma escassez de trabalhos com foco nessa temática, portanto, desejamos produzir conhecimento e levantar novas possibilidades de intervenção para a melhoria do objeto investigado. Apresentaremos a seguir, um recorte desse trabalho, no formato de um artigo intitulado: *Representações sociais sobre violência escolar elaboradas por alunos de uma comunidade escolar rural*.

## **2 OBJETIVOS**

### **2.1 Objetivo Geral**

- Aprender e analisar as Representações Sociais e atitudes face à violência escolar, elaboradas por alunos/as de uma comunidade escolar rural.

### **2.2 Objetivos específicos**

- Conhecer as Representações Sociais sobre a violência escolar, elaboradas por alunos/as de uma comunidade escolar rural;
- Descrever os tipos de violência vivenciados por alunos/as de uma comunidade escolar rural;
- Descrever as estratégias de enfrentamento de violência escolar desenvolvidas por alunos/as de uma comunidade escolar rural;

## **Representações Sociais sobre a violência escolar elaboradas por alunos/as de uma comunidade rural**

Dayse Mota Rosa Pinto<sup>1</sup>

Edna Maria de Araújo<sup>2</sup>

Evanilda Souza de Santana Carvalho<sup>3</sup>

Instituição: Universidade Estadual de Feira de Santana- UEFS/ Departamento de Saúde- Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva- PPGSC; Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Desigualdade em saúde- NUDES/UEFS.

---

1 Mestranda em Saúde Coletiva PPGSC/UEFS, e-mail: daysemrosa@hotmail.com

2 Professora Titular da UEFS, Doutorado em saúde Pública- ISC/UFBA, Docente do PPGSC, Coordenadora NUDES/UEFS, e-mail: ednakam@gmail.com

3 Professora Titular da UEFS, Doutorado em Enfermagem- UFBA, docente da UEFS, e-mail: evasscarvalho@yahoo.com.br



## INTRODUÇÃO

A violência configura-se como uma questão social e de saúde pública, pois as causas externas constituem significativo ônus para as populações de todo o mundo e diminuir sua morbimortalidade representa um dos principais desafios neste século (GONZAGA, 2012).

Diversos autores têm empreendido esforços para explicar tal fenômeno, apontando suas causas, reflexos nos diversos cenários sociais, com vistas ao desenvolvimento de estratégias de enfrentamento (WAISELFISZ, 2012, 2013; MALTA, 2010). Dentre os cenários afetados, observa-se que a violência nas escolas tem se tornado um fenômeno difuso, já que antes era mais frequente nos grandes centros urbanos e atualmente se evidencia em contextos escolares rurais, considerados mais tranquilos (WAISELFISZ, 2013).

Sabemos que apesar da existência de representações da violência no imaginário dos sujeitos, o significado atribuído à mesma não se dá de forma consensual. As pesquisas apontam como elementos comuns sobre tal significado a noção de coerção ou força; o dano que produz em um indivíduo ou grupo de indivíduos pertencentes à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia (MOSCOVICI, 2009; SCHLOSSER, 2011).

A representação social (RS) é definida por Moscovici (1978, p. 57) como:

“um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social”.

As RS extrapolam a ideia de um modelo de descrição acerca do que um grupo pensa de determinado tema, por ser uma modalidade de conhecimento que objetiva contribuir para a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos, propondo-se a fornecer um molde à conduta, guiando as práticas e atitudes dos participantes de um grupo. Sua construção

ocorre nos processos de trocas e comunicação entre os sujeitos em um dado grupo de pertença, logo, um tipo de conhecimento elaborado pelo senso comum.

Nesse estudo admitimos a conceituação elaborada por Elias (2011, p.11) de que “*a expressão violência escolar envolve qualquer tipo de violência que ocorra no contexto escolar, com qualquer pessoa ou instituição que tenha vínculo direto ou indireto com a escola*”.

Neste sentido, a nossa aproximação com o objeto de pesquisa deu-se durante as atividades dos projetos de extensão desenvolvidos pela Universidade Estadual de Feira de Santana para o protagonismo dos jovens e promoção da paz nas escolas. Fomos sensibilizadas com os relatos sobre violência de professores e alunos de uma escola rural, o que nos motivou a indagar: *como os alunos no contexto escolar rural representam e vivenciam a violência?* Buscando responder a tal questão, este estudo teve como objetivo apreender e analisar as representações sociais sobre a violência escolar elaboradas por alunos/as de uma escola rural do interior da Bahia.

Diante da complexidade de tal fenômeno, reconhecemos que a compreensão da forma como os alunos representam e vivenciam a violência na escola, fornecerá elementos do significado e das implicações que os sujeitos atribuem a essa problemática, possibilitando a compreensão da forma como o grupo estudado se posiciona diante dos atos agressivos em seu cotidiano.

Portanto, o conhecimento produzido neste estudo, estimulará a discussão acerca da violência na escola e oferecerá subsídios para o aprimoramento das políticas locais de prevenção da violência e promoção da cultura de paz.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo qualitativo, por ser uma abordagem adequada para se estudar opiniões, crenças, comportamentos e ações de um grupo frente à ocorrência de um fenômeno, procurando entender como as pessoas interpretam e conferem sentidos às suas experiências. Para tanto, utilizamos as técnicas projetivas, entrevistas e a observação sistemática para ter acesso ao conhecimento.

A pesquisa foi desenvolvida numa escola pública da zona rural de uma cidade no interior da Bahia, a qual possuía 1100 alunos, distribuídos nos três turnos nas diversas séries de ensino fundamental e médio. Destes, 294 encontravam-se matriculados no turno matutino dos quais 53 alunos participaram do estudo. A coleta de dados ocorreu no período de outubro a novembro de 2012. A escolha das técnicas projetivas se justificou por estas permitirem a escuta de expressões subjetivas e lúdicas de diálogo, que minimiza as dificuldades de expressão e ampara a superação das censuras e dos discursos previamente elaborados. Dessa forma, favorecem a apreensão das projeções mentais e conseqüentemente o acesso aos estereótipos sociais partilhados pelos membros do grupo, no sentido de captar as representações sociais, como formas de pensamento, enraizadas no inconsciente (AIELLO-VAISBERG, 1995).

A aplicação dos instrumentos de coleta de dados ocorreu em quatro momentos os quais serão descritos a seguir: A primeira técnica aplicada foi a Técnica de associação livre por palavras (TALP) que se deu em sala de aula, solicitando aos alunos que verbalizassem as cinco primeiras palavras ou expressões que viessem em sua mente após ouvirem os estímulos: *violência e violência na escola*. As palavras evocadas pelos participantes foram registradas por eles mesmos num roteiro elaborado para esse fim, o qual constava de espaços para a escrita das palavras ou expressões recordadas ao escutar o estímulo.

Ainda em sala de aula, procedemos com a aplicação da técnica de desenho-estória com tema. Para desenvolver esta etapa foi oferecido papel sulfite em branco e lápis colorido aos participantes. E em seguida, esses foram solicitados a desenhar quando os provocamos a partir do seguinte estímulo: “*desenhe algo que represente a violência na escola*”; posteriormente solicitamos que *contassem uma estória sobre o mesmo*, com um conteúdo que apresentasse um início, desenvolvimento e fim. E, por último, solicitamos que *lessem a estória escrita e lhe designasse um título*.

Após aplicação de técnicas projetivas foram realizadas entrevistas semiestruturadas, feitas individualmente, em ambiente reservado, com um roteiro dividido em duas partes: a primeira constituída de itens referentes à identificação sociodemográfica dos sujeitos e a segunda composta das questões norteadoras: *o que você pensa sobre violência na escola e para você, o que é violência escolar?*

Por fim, realizamos observação sistemática, orientada por um roteiro de observação previamente elaborado, testado e corrigido, com questões sobre a estrutura física e as relações entre os sujeitos na escola.

A fim de encontrar os sentidos dos dados coletados, foram utilizadas duas técnicas de análise: a) análise de conteúdo dos desenhos-estória com temas segundo o modelo proposto por Coutinho (2005), que consistiu em: observação sistemática dos desenhos e temas; seleção dos desenhos por semelhanças gráficas e/ou aproximação dos temas; leitura flutuante das unidades temáticas das histórias; recorte e categorização das unidades temáticas das histórias; análise e interpretação dos conteúdos temáticos agrupados por categorias e análise e interpretação dos desenhos através do grafismo; b) análise de dados extraídos da TALP, entrevistas e observação sistemática, por meio da análise de conteúdo temática proposta por Bardin (2004), objetivando descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação, considerando a frequência de registro.

Para tanto, a análise de conteúdo temática ocorreu em três etapas: pré-análise, consistindo na fase de organização, o primeiro contato com os dados coletados, leituras e escolha dos documentos; a formulação de objetivos e a categorização dos dados, consistindo na classificação dos dados por diferenciação, segundo os temas e realização de inferências, descrição e interpretação dos dados (BARDIN, 2004).

Assim, a apreensão das representações elaboradas por alunos de uma comunidade rural deu-se pela triangulação de diversas técnicas, que contemplaram a diversidade dos dados.

A proposta do estudo foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana através do parecer n. 37/2012. Todos os participantes maiores de 18 anos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e dos menores de 18 anos obtivemos o consentimento dos pais ou responsáveis.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Participaram do estudo 53 alunos do turno matutino do Ensino Médio, sendo 42 (79%) do sexo feminino e 11 (21%) do sexo masculino, com idade entre 13 e 24 anos, com a maior parte (63%) situada na faixa etária entre 16 e 18 anos. Foram analisados 53 desenhos, 32 entrevistas e 257 palavras evocadas. Desprezamos as palavras que foram citadas apenas uma vez e aproximamos as palavras com os mesmos significados, para tornar mais consistente, representativa e “limpa” a análise. A fim de preservar o anonimato dos participantes, utilizamos nomes fictícios, ao expormos as falas (TURA, 1997).

Da análise dos dados emergiram três categorias: Categoria 1- a violência é morte e/ou tentativa de homicídio; categoria 2- a violência é uma forma de resolver conflitos; Categoria 3 As causas da violência são a desestrutura familiar, uso de drogas e falta de informação sobre violência.

## CATEGORIA 1- A VIOLÊNCIA É MORTE E/OU TENTATIVA DE HOMICÍDIO

A categoria “Violência é morte e/ou tentativa de homicídio” foi descrita pela maioria dos alunos/as, sendo expressa por 30 evocações (9%) das palavras (assassinato, matar, morrer e morte) e 15 desenhos (27,7 %).

O aluno João relata que violência escolar: “... é [...] morte, uma coisa que eu tenho medo”. Para explicar o que compreendem por violência um aluno recorre à memória de fatos violentos ocorridos na escola em que estuda, na zona rural. Os depoimentos dos alunos ressaltam a violência praticada com a mediação de armas de fogo, objetos perfurantes e cortantes, principalmente o estilete, objeto comum na lista de material escolar, como pode ser identificado a seguir:

“... o que é violência escolar? Eu já soube de um fato que teve em um colégio nesse mesmo lugar, que uma matou a outra com estilete; só o que eu me lembrei. Só vi isso aí mesmo. Ver não, ouvi falar. Com estilete...”

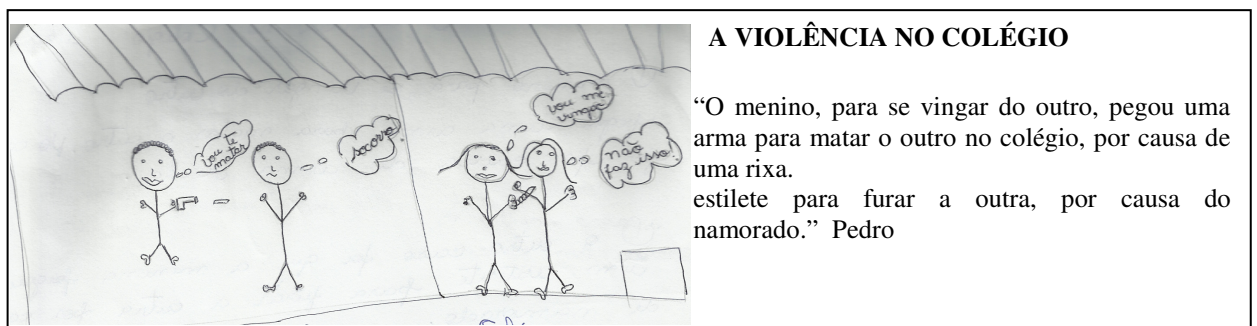


Figura 1- A violência no colégio

As causas externas foram apontadas pelo mapa da violência no Brasil, em 2013, como a maior causa de mortalidade entre os jovens, o qual destacou que 73,6% das mortes entre os jovens, em 2011, foram atribuídas às causas externas, com 39,7% sendo causados por homicídios (WASELFISZ, 2012).

Cotidianamente somos informados sobre os aspectos físicos da violência por meio de notícias veiculadas pelos diversos setores da mídia e, através desses meios, é possível

constatar que tem sido crescente o aumento de episódios violentos no espaço escolar e em seu entorno, envolvendo alunos, professores, funcionários, gestores e familiares.

Representações sociais ancoradas apenas nos aspectos físicos da violência remetem à ideia de que os participantes não percebem as outras formas de violência, que possivelmente estão naturalizadas em seu cotidiano como violência implícita, ocorrida por meio da violência psicológica, das relações e de abuso de poder e até mesmo da violência produzida pela escola, atribuindo-lhe gravidade apenas quando ela se concretiza nos atos de agressão física, principalmente, nos atos que resultem em morte.

Representações sociais dessa natureza, acerca da violência escolar, evidenciam o quanto a violência costumeiramente ocorrida nas ruas, tem ganhado espaço na escola e em cenários, antes considerados tranquilos, como a zona rural (WAISELFISZ, 2012).

Outro aspecto observado nas produções dos participantes foi a presença de armas no espaço escolar, indicando que, como uma instituição inserida na sociedade, a escola sofre os reflexos de seus problemas. A utilização do ambiente escolar como lócus de escolha dos traficantes para comercialização de drogas ilícitas se configura como exemplo disso.

Segundo Njaine e Minayo (2003) há no imaginário de certos jovens o porte de armas como símbolo de poder e de desafio de determinadas normas do convívio social. Desse modo, o seu uso, pelos adolescentes, pode também estar associado ao exibicionismo, por configurar-se como uma modalidade de poder (NJAINÉ, MINAYO, 2003).

Nesse estudo, observamos que a representação da violência mostrou-se, nos elementos gráficos, de maneira proporcional entre meninos e meninas, o que diverge dos resultados encontrados por Lopes (2005), no qual os atos violentos foram registrados com uma frequência quatro vezes maior entre os meninos. Também é incoerente com a construção social em torno dos papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres na sociedade, restando à parcela feminina a passividade e vitimização, o presente estudo evidencia que as meninas

encontram-se também como protagonistas de atos violentos nas escolas, embora esses atos pareçam ser cometidos sempre para com outra menina, não foram observados o protagonismo de violência de meninas contra meninos.

Por outro lado, o desenho expressado por Pedro apresenta alunos do sexo masculino fazendo uso de arma de fogo e as do sexo feminino usando objeto cortante. Ambas as situações representam a tentativa de homicídio como algo que pode ocorrer na escola e uma diferença de gênero quanto ao tipo de armas utilizadas, que também apareceu em desenhos de outros alunos.

A representação da violência como morte ressalta que esta é compreendida em sua consequência mais grave, ocultando outras situações de consequências a longo prazo, como a violência psicológica por exemplo. Um fato recente ocorrido próximo à escola estudada e que teve desfecho fatal contribuiu para que os alunos da escola em estudo ancorassem as representações da violência na sua expressão mais trágica, o que os levou a reconhecer que esta ocasiona prejuízos irreparáveis, muitas vezes resultando na interrupção da vida, entre os jovens. Além disso, demonstra a premência de que os outros aspectos desse problema sejam discutidos no cenário escolar, dado que esse espaço pode ocultar formas mais sutis da violência, ocasionando consequências graves, como os prejuízos emotivos, psicológicos, nos relacionamentos e no processo de ensino e aprendizagem, sem que para tanto necessite ocorrer um homicídio.

## CATEGORIA 2 - A VIOLÊNCIA É UMA FORMA DE RESOLVER CONFLITOS

A segunda categoria encontrada nas palavras evocadas nos desenhos e depoimentos revela que, para os participantes, a violência é comumente utilizada na escola para resolução de conflitos que surgem entre alunos, conflitos de diversas ordens. Isso evidencia que as



outras formas, como o diálogo e a tentativa de entendimento não consistem em práticas utilizadas por eles, quando surgem as divergências de opiniões ou desentendimentos.

Representar a violência dessa forma pode associar-se às intensas mudanças e transformações vivenciadas na adolescência, que se reflete em um período marcado por maior agressividade e maior tendência natural a agrupamentos em turmas ou gangues, elementos que favorecem o envolvimento desse grupo com atos violentos (MELO, BARROS, ALMEIDA, 2011).

Durante a observação sistemática, violência foi evidenciada enquanto elemento impregnado na cultura local, sendo, em muitos casos, praticada como forma de intervir nas divergências entre os pares, fatos que, comumente, surgem no convívio escolar.

Assim, durante o intervalo/recreio, que acontece em um espaço pequeno dentro da escola, e os jogos desportivos, que ocorrem em uma quadra, em área externa a escola, além de gincanas e outras atividades de lazer realizadas rotineiramente, configuraram-se em cenários de divergências de idéias, cobranças de dívidas e discussões que, muitas vezes, resultavam em agressões entre os alunos, como empurrões, ameaças e xingamentos, como ilustram as figuras abaixo.

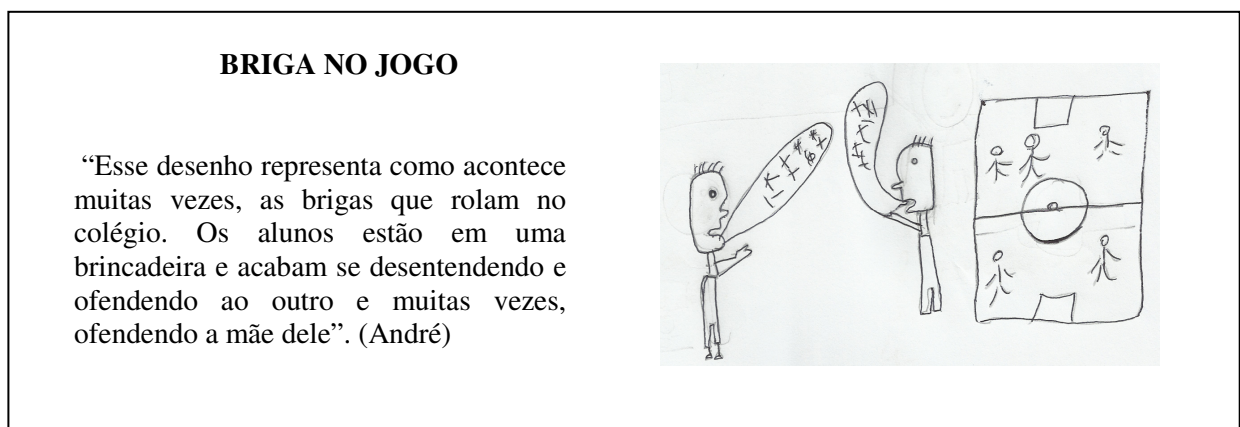


Figura 2- Briga no jogo

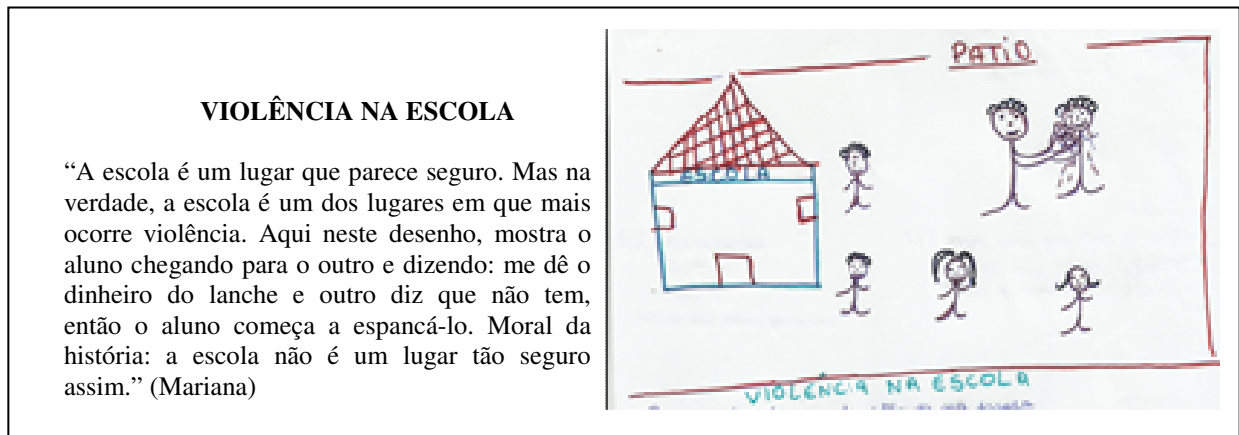


Figura 3- A violência na escola

O espaço do recreio, que se dá fora da sala de aula, mostra-se como o espaço que escapa ao controle do professor, personagem esse que atua como censura aos atos de divergência entre alunos. Nesse sentido, as desavenças e toda ordem de problemas são reservadas para disputas e rixas no espaço de lazer da escola.

Como diz a aluna Mariana, “*a escola não é mais um lugar tão seguro assim*”, uma vez que se tornou palco de episódios violentos rotineiramente. Essa fala remete-nos ao processo de naturalização da violência, discutido por Candal, Lucinda e Nascimento (1999), no qual a mídia exerce um papel relevante, já que, ao expor os adolescentes a cenas violentas com distorções significativas da realidade ou nos jogos de vídeo game, às violências e lutas, os mesmos passam a ver a violência de maneira natural, introduzindo-a ao seu comportamento cotidiano e reproduzindo-a nos diversos espaços de convívio social, sejam eles o namoro, jogos ou atividades de recreação.

Além disso, fica evidente a necessidade de que a escola assuma de maneira mais eficaz o seu papel, enquanto instituição educadora que prepara os sujeitos para o convívio social, promovendo a formação das habilidades necessárias para tanto, como a tolerância, o uso do diálogo e o respeito às diferenças.

### CATEGORIA 3- AS CAUSAS DA VIOLÊNCIA SÃO A DESESTRUTURA FAMILIAR, USO DE DROGAS E FALTA DE INFORMAÇÃO SOBRE VIOLÊNCIA

Essa categoria evidencia que, para os participantes a explicação causal da violência está na *desestrutura e ausência da família no espaço escolar; no uso de droga e, na falta de informações sobre violência.*

De acordo com os participantes, a violência escolar acontece porque a maioria das famílias são desestruturadas, e por isso e outros motivos a família é ausente e alheia ao que ocorre no espaço escolar. Para esses, a violência ocorre porque há falhas nas relações familiares, no modo como os pais educam seus filhos, na comunicação entre eles e na desarticulação entre a família e a escola.

Assim, ao pensarem em causas da violência evocaram “*família, educação familiar e falta de diálogo com os pais*”. Tais ideias foram complementadas pelos depoimentos, como o que apresentamos a seguir:

“Eu acho que hoje tem alguns pais que não prestam muita atenção assim no filho, ficam mais se preocupando com o trabalho, esquecem e acabam deixando o filho de lado e por isso que acontece. Muitas vezes, alguns filhos se aborrecem em casa e acabam trazendo isso para colégio e acabam acontecendo muita briga” (Táís).

A percepção dessa aluna se assemelha ao de outros adolescentes que participaram da pesquisa de Fonseca (2011) na qual os alunos de uma escola de Feira de Santana-Bahia apontaram como principais fatores de proteção contra a violência entre crianças e adolescentes as questões ligadas à dinâmica familiar como: orientação familiar, família constituída de pai e mãe, relação de confiança com pais, professores e parentes, existência de diálogo entre pais e filhos.

Outro estudo, realizado no mesmo município por Santana (2012), ao analisar as RS sobre violência, elaboradas por alunos do ensino fundamental revelou que os alunos

atribuíram problemas na dinâmica familiar, como alcoolismo e dificuldades financeiras e falta de atenção dos pais como causa dessa problemática.

Mesmo no contexto rural, a luta pela sobrevivência tem marcado as relações familiares, tendo, em muitos casos, pais expostos à sobrecarga de trabalho e escassez de atividades conjuntas em família, de momentos de diálogo, o que reflete na formação dos filhos e, conseqüentemente, da sociedade.

A relevância da família e da escola, enquanto espaços privilegiados de desenvolvimento humano tem sido admitida de forma consensual entre diversos estudiosos, especialmente da área de psicologia, atribuindo-lhes funções específicas. Por um lado, a família é considerada a primeira instituição educacional do sujeito, sendo-lhe imputada a função de socializar a criança, ou seja, incluir a mesma no mundo cultural mediante o ensino da língua materna, dos símbolos e regras de convivência em grupo. Por outro, confere-se à escola a função de socialização do saber sistematizado, portanto, do saber culturalmente organizado (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Sendo assim, um sistema interfere na atuação do outro, por compartilharem a tarefa de preparar as crianças e os jovens para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade, o que corrobora com o desenho feito pela aluna Camila:

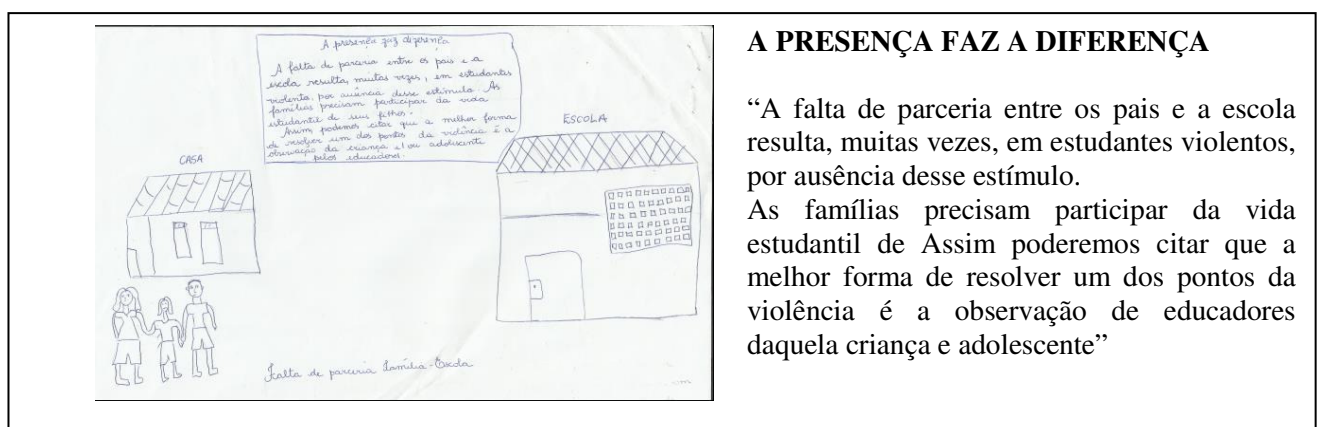


Figura 4- A presença faz a diferença

A aluna destaca a falta de articulação que muitas vezes se dá entre essas duas instituições. Situa a casa do aluno em um extremo da folha, com a família e a escola do outro, atribuindo como causa da violência a falta de parceria entre essas duas instituições formadoras e apelando para que essa articulação se efetive.

Durante a observação sistemática, percebemos poucos pais presentes no cotidiano escolar, havendo em um caso, a presença de uma genitora que, ao ser convidada a comparecer à escola a fim de conhecer o envolvimento do filho com um episódio violento, demonstrou o apoio a essa conduta, verbalizando que a reação violenta fora usada como demonstração de força e defesa.

O reconhecimento da desestruturação familiar como o principal elemento explicativo para a violência, segundo a visão desse grupo, evidencia a complexidade envolvida na gênese da violência e reforça a ideia já discutida neste capítulo de que suas causas extrapolam os muros escolares.

Neste sentido, descortina o cenário escolar, denunciando que, como instituição que está inserida em uma sociedade imersa em vários problemas estruturais, entre eles, uma crise da família, a escola passa a sofrer os reflexos de tais fragilidades.

Portanto, o enfrentamento dessa problemática, requer uma urgente articulação e fortalecimento dessas duas instituições formadoras do sujeito, com superação/ minimização das dificuldades vivenciadas em cada um dos cenários e a construção de estratégias conjuntas.

Ainda para o grupo investigado, a violência escolar está associada ao uso de drogas ilícitas, sendo evocadas as palavras *tráfico* e *drogas* e complementada pelas considerações da aluna Ester e pelo desenho da aluna Brenda:

“[...] violência na escola, é assim, é um ato muito grave né? Isso que vem crescendo cada dia por causa das drogas também. Os jovens hoje, a maioria, está entrando nesse mundo [das drogas], que não é o certo, né?”.

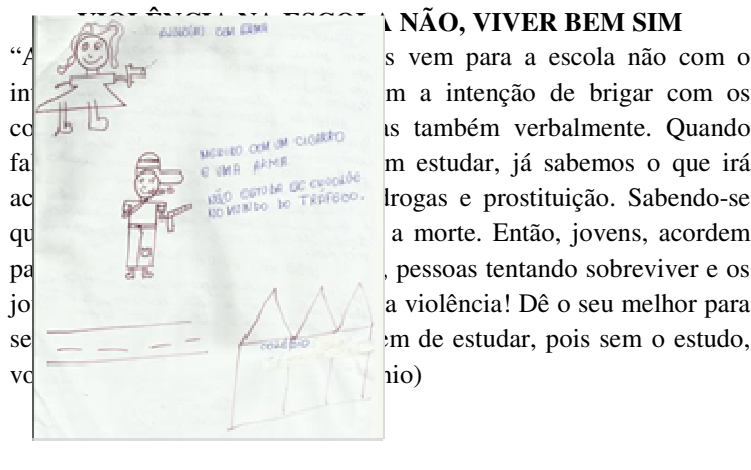


Figura 5- Violência na escola, não, viver bem, sim.

O aumento do consumo de drogas ilícitas tem sido amplamente discutido pela mídia e por estudos que retratam a associação entre o aumento dos problemas relacionados ao tráfico e utilização de drogas nas instituições escolares e os prejuízos no rendimento escolar, relação familiar e uma maior propensão a distúrbios psicológicos (ZALUAR, A, LEAL, 2001; OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010).

Estudo sobre representações sociais de violência, realizadas no Brasil, destaca que o envolvimento do aluno em episódios violentos está atrelado ao uso de drogas (ZALUAR, A, LEAL, 2001).

Para o grupo estudado, a presença da violência no cenário escolar associa-se, portanto, a ação de fatores externos, como drogas ilícitas, evidenciando que os comportamentos sociais da juventude são levados para dentro da escola também. Assim, torna ainda mais relevante o papel da escola em promover no aluno a capacidade de construir projetos de vida saudáveis e mecanismos de enfrentamento das dificuldades vivenciadas no contexto externo.

Para os participantes, a violência que ocorre na escola deve-se também à ausência de informações dos alunos sobre a temática da violência. Para esses, a escola é responsável por preparar alunos, informar sobre o problema da violência e suas consequências, de forma a conscientizá-lo. Um aluno comentou:

“Eu penso que a maioria dos alunos quando fazem algum ato de violência no colégio é por causa da má informação, [...] por causa também do professor, da direção do colégio que não tem assim uma informação mais clara para passar para eles sobre a violência” (Paulo).

Sabemos que a sensibilização dos alunos em relação aos efeitos da violência tem sido apontada por estudiosos como uma estratégia que resulta em bons resultados, ocorrendo por meio de palestras, discussões em grupo e outras formas de aproximação ao máximo da juventude para trabalharem essa temática (OLIVEIRA, MARINHO-ARAÚJO, 2010).

A ideia de que a violência decorre da falta de informação adequada sobre as causas, consequências e modalidades de violência que afeta o cotidiano escolar, defendida pelo grupo de alunos, revela que para eles/as a escola, enquanto instituição educacional responsável por formar sujeitos críticos, reflexivos e que contribuam positivamente com a sociedade, deve fomentar espaços de discussão sobre essa problemática, esclarecendo as dúvidas dos alunos e envolvendo os mesmos em atividades reflexivas, que resultem em mudanças positivas no clima social do convívio escolar, pautadas em atitudes de não-violência.

Esse estudo tem a limitação de ter explorado somente as representações sociais de um grupo de alunos do turno matutino de uma escola rural quando teria sido mais adequado trabalhar com alunos dos três turnos e de várias séries, alunos de escolas urbanas, professores e famílias.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo buscou apreender as Representações Sociais elaboradas por alunos/as de uma comunidade rural. Os resultados evidenciaram que os participantes representam a violência como morte e/ou tentativa de homicídio e forma de resolução de conflitos e apontaram como suas causas a desestrutura familiar, o uso de drogas e falta de informação sobre violência.

A escola tem sido impactada pelas tensões que ocorrem fora de seus muros, como os problemas vivenciados no seio familiar e as drogas. Ademais, enquanto instituição formadora tem encontrado dificuldades em cumprir seu papel de preparar os jovens para a vida social e para enfrentamento das dificuldades vivenciadas, como a violência.

Reconhecemos a escola como espaço privilegiado para difusão de valores, ideias e estratégias com vistas ao enfrentamento da violência e promoção de uma cultura de paz. Todavia, para que esse papel se efetive, faz-se fundamental que as habilidades interpessoais importantes para o convívio com os pares, a fim de lidar com conflitos, divergências, dificuldades e valores e percepções diferentes, sejam valorizadas e difundidas na escola, requerendo a promoção uma nova cultura, baseada na paz, solidariedade e tolerância.

Ainda que este estudo tenha sido revelador quanto às representações sobre a violência, elaboradas por uma comunidade escolar rural, salientamos a necessidade de serem criados espaços de fala e escuta dos demais atores do cenário escolar, especialmente os professores e familiares, pautados no reconhecimento de que os mesmos são elementos fundamentais no estabelecimento de mudanças no quadro apresentado.

A partir dos dados analisados, entendemos que a construção de ações intersetoriais, o fortalecimento das instituições formadoras do sujeito, família e escola, bem como a sua articulação, pode ser um caminho com vistas à construção de estratégias de prevenção e enfrentamento da violência. Para tanto, é preciso tornar a escola mais atrativa e interessante para os jovens, adotando práticas educacionais pautadas no reconhecimento dos alunos como protagonistas e que intencionem a superação das fragilidades às quais os mesmos estão submetidos.



## REFERÊNCIAS

- AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeções e transicionalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v.6, n. 2, p.103-127, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa: Edições 70, 2004.
- CANDAU, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Depressão infantil e representação social**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.
- ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. São Paulo: Ática Educadores, 2011.
- FONSECA, Adrielle Lima. **Caracterização da Violência sob a Perspectiva de Jovens de uma Escola Pública do Município de Feira de Santana – Bahia**. 2011. 26 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.
- GONSAGA, Ricardo Alessandro Teixeira *et al.* Avaliação da mortalidade por causas externas. **Rev. Col. Bras. Cir.** 2012; 39(4): 263-267.
- LOPES NETO, Aramis A. *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(Supl. 2):3053-3063, 2010.
- MELO, Monica Cristina Batista; BARROS, Érika Neves; ALMEIDA, Andréa Maria Lages Gomes. A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.10, p. 4211-4220, 2011.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- NJAINE, Kathie, MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface -Comunic, Saúde, Educ**, v. 7, n.13, p. 119-134, 2003.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista, MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: interseções e desafios. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. I 27, nº1, p. 99-108, janeiro – março, 2010.
- SANTANA, Ana Flavia Souza. Representações sociais de estudantes do ensino fundamental da Rede pública de ensino acerca da violência na escola. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 113-130, jan./jun. 2012.
- SCHLOSSER, Adriano et al. Com a palavra os estudantes: representações sociais de alunos sobre a violência. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO e I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 2011, Curitiba, PR. **Resumos**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011, p. 12570.
- TURA, Luiz Fernando Rangel. **Os jovens e a prevenção da Aids no Rio de Janeiro**. 1997. 175 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.
- WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012: crianças e adolescentes no Brasil**. Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos, Rio de Janeiro, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2013: crianças e adolescentes no Brasil**. Disponível em:<[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf)>, acesso em 21/01/14.
- ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, p.145-164, 2001.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, as representações sociais de alunos sobre a violência foram ancoradas principalmente em seus aspectos físicos, como agressão física e morte. Tais construções remeteram à premência de que os outros aspectos desse problema sejam discutidos no cenário escolar, como as formas mais sutis da violência, como a violência psicológica e o *bullying*.

Neste sentido, para os alunos, a violência ora pode ser atribuída à ação de fatores externos a dinâmica escolar, ora associada ao ambiente do microespaço escolar, sendo determinada pelas relações entre os sujeitos escolares. O enfrentamento desse problema não pode ser construído em ações construídas e efetivadas estritamente dentro dos muros escolares. Lograr tal êxito requer união de forças, articulação e formação de parcerias entre as diversas instituições que afetam a formação do sujeito.

O grupo retratou que a escola tem sido um lugar de várias formas de violências, sejam elas: física, incivilidades, vandalismo e *bullying*. Ao revelarem as motivações pelas quais tais violências concretizam-se, evidenciaram a necessidade de que essa instituição se fortaleça e/ou se converta em um espaço capaz de fomentar discussões acerca dos estereótipos de beleza divulgados pela mídia, das diferenças existentes nas relações de gênero, das singularidades de cada sujeito, das divergências que comumente surgem no convívio entre pares e de formas de resolução de conflitos entre os sujeitos.

Se por um lado a presença da violência afeta a dinâmica da instituição escolar, por outro, dar voz aos alunos permitiu o entendimento de que esse problema é sentido também individualmente pelos sujeitos, os quais expressaram que a violência traz sofrimento e atrapalha a aprendizagem.

Tal realidade exige que os atores sociais se posicionem no sentido de enfrentamento da violência. Neste sentido, ao pontuarem a atuação dos agentes escolares face à violência escolar, os sujeitos evidenciaram a atuação de seu grupo de pertença, discentes, e da direção

escolar. As posturas atribuídas a esses grupos foram focadas nas conseqüências da violência. Neste sentido, as principais posturas associadas aos alunos oscilaram entre afastarem-se, como forma de se protegerem, ou em se envolverem em episódios violentos, como forma de revanche ou na tentativa de “separarem” os envolvidos, dando fim ao episódio violento. Por outro lado, os alunos identificaram a atuação da direção escolar baseada em medidas punitivas, como suspensão e expulsão da instituição.

Portanto, esse estudo evidenciou a pouca participação do diálogo na resolução de conflitos na escola estudada, remetendo ao distanciamento dos objetivos almejados na criação da instituição escola, como espaço de socialização, que deve operar no sentido da formação e construção de humanidades capazes de viver ativamente a convivência social.

No imaginário do grupo acerca da forma como os indivíduos lidam com a violência na escola, não houve destaque para a atuação dos professores. Todavia, o papel desenvolvido por estes agentes, enquanto educadores, deveria colocá-los em uma posição privilegiada, na medida em que favorece a formação de vínculos, logo, a aproximação com as percepções e experiências dos alunos. Reconhecemos que os mesmos podem apropriarem-se de um papel fundamental no sentido do despontamento de novas práticas, novos rumos nas relações e mediação de conflitos na escola. Para tanto, faz-se necessária a formação e instrumentalização deste grupo sobre o contexto e informações da violência, no sentido de estabelecer uma atuação mais notória, por parte especialmente dos alunos, na prevenção e enfrentamento da violência na escola.

O conhecimento da violência escolar, como um problema vivenciado pelo grupo, permitiu que os sujeitos apontassem algumas estratégias a serem utilizadas para enfrentamento da violência e promoção de uma cultura de paz na escola: projetos educativos e estímulo ao desenvolvimento de habilidades interpessoais pelos sujeitos. Entretanto, a distância entre a realidade experienciada cotidianamente pelos sujeitos e as expectativas dos

alunos evidenciaram que faz-se urgente a articulação entre os diferentes grupos que compõem a comunidade escolar, com vistas à construção de estratégias que formem um projeto coletivo, voltado para o melhor enfrentamento da violência e promoção de uma cultura baseada em valores de paz e solidariedade no convívio escolar.

O presente estudo mostrou-se revelador quanto à realidade vivenciada pelos sujeitos no que tange à violência. Entretanto, cientes da complexidade envolvida em torno da gênese e bases deste fenômeno, reconhecemos como principais limitações deste estudo o fato de nos atermos somente a voz de um dos grupos que atuam no espaço escolar, os alunos, deixando para outros estudos o desafio de darem voz aos outros sujeitos, sejam professores, pais, direção escolar e outros funcionários que atuam no cenário escolar.

Também reconhecemos a necessidade de que esse espaço seja alvo de outras investigações de cunho intervencional, pautados no envolvimento dos sujeitos na operacionalização das estratégias apontadas pelos mesmos como importantes para o enfrentamento da violência escolar.

Como foi percebido, a escola é um espaço privilegiado para difusão de valores e ideias. Neste sentido, os agentes escolares devem estar cada vez mais cômicos do desafio que é posto diante dos mesmos cotidianamente. Portanto, instigamos que tais escolas fomentem momentos para discussão das implicações desse fenômeno na vida e de construção de possibilidades diferentes, a serem multiplicadas no sentido do enfrentamento da violência e ações que resultem em novos arranjos nas relações sociais e no cotidiano escolar.

## REFERÊNCIAS

- AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. O uso de procedimentos projetivos na pesquisa de representações sociais: projeções e transicionalidade. **Psicologia USP**, São Paulo, v.6, n. 2, p.103-127, 1995.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro Lisboa: Edições 70, 2004.
- CANDAUI, Vera Maria; LUCINDA, Maria da Consolação; NASCIMENTO, Maria das Graças. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- COUTINHO, Maria da Penha de Lima. **Depressão infantil e representação social**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2005.
- ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência escolar: caminhos para compreender e enfrentar o problema**. São Paulo: Ática Educadores, 2011.
- FONSECA, Adrielle Lima. **Caracterização da Violência sob a Perspectiva de Jovens de uma Escola Pública do Município de Feira de Santana – Bahia**. 2011. 26 p. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina)- Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2011.
- GONSAGA, Ricardo Alessandro Teixeira *et al.* Avaliação da mortalidade por causas externas. **Rev. Col. Bras. Cir.** 2012; 39(4): 263-267.
- LOPES NETO, Aramis A. *Bullying* - comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**, v. 81, n. 5, p. 164-172, 2005.
- MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE). **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(Supl. 2):3053-3063, 2010.
- MELO, Monica Cristina Batista; BARROS, Érika Neves; ALMEIDA, Andréa Maria Lages Gomes. A Representação da violência em adolescentes de escolas da rede pública de ensino do Município do Jaboatão dos Guararapes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.16, n.10, p. 4211-4220, 2011.
- MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 6 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- NJAINE, Kathie, MINAYO, Maria Cecília de Souza. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface -Comunic, Saúde, Educ**, v. 7, n.13, p. 119-134, 2003.
- OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista, MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: interseções e desafios. **Estudos de Psicologia I**, Campinas, v. I 27, nº1, p. 99-108, janeiro – março, 2010.
- PAVARINO, R.N. Teoria das Representações Sociais, **Revista comunicação e espaço público**, v.1. n. 2, p. , 2004.
- SANTANA, Ana Flavia Souza. Representações sociais de estudantes do ensino fundamental da Rede pública de ensino acerca da violência na escola. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 37, n. 1, p. 113-130, jan./jun. 2012.
- SCHLOSSER, Adriano et al. Com a palavra os estudantes: representações sociais de alunos sobre a violência. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO e I SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADE E EDUCAÇÃO, 2011, Curitiba, PR. **Resumos**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011, p. 12570.
- SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.27, n.1, p. 87-103, jan./jun. 2001.
- STELKO-PEREIRA, A.C; WILLIAMS, L.C.A. Dando voz a estudantes de escolas públicas sobre situações de violência escolar. In: HABIGZANG, L; KOLLER, S (org). **Violência contra crianças e adolescentes: teoria, pesquisa e prática**. Porto Alegre: Artmed, p. 203-218, 2012.

TURA, Luiz Fernando Rangel. **Os jovens e a prevenção da Aids no Rio de Janeiro**. 1997. 175 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2012**: crianças e adolescentes no Brasil. Centro Brasileiro de Estudos Latino Americanos, Rio de Janeiro, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2013**: crianças e adolescentes no Brasil. Disponível em:<[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013\\_homicidios\\_juventude.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2013/mapa2013_homicidios_juventude.pdf)>, acesso em 21/01/14.

ZALUAR, Alba; LEAL, Maria Cristina. Violência extra e intramuros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, p.145-164, 2001.

## **APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para alunos**

Prezado (a) aluno (a), você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“Representações Sociais sobre violência em uma escola pública do interior da Bahia”**. Essa pesquisa objetiva analisar as Representações Sociais sobre violência escolar elaboradas por alunos/as de uma comunidade escolar rural.

Sua participação será importante para entendermos as Representações Sociais sobre a violência escolar elaboradas por alunos, bem como as estratégias de enfrentamento de violência escolar desenvolvidas. Portanto, esse projeto trará como benefícios para os jovens e escolas que sofrem com o problema da violência, a possibilidade de desenvolver formas de investigá-las, preveni-las e enfrentá-las.

Caso você concorde em fazer parte desse estudo, responderá a algumas perguntas, através de uma técnica de coleta de dados denominada Técnica de associação livre de palavras, desenho e/ou entrevistas, que serão gravadas. Salientamos que sua identificação será resguardada e mantida em sigilo, e que, caso alguma pergunta da pesquisa causar constrangimento, ela não precisará ser respondida. Os resultados poderão ser divulgados em eventos como congressos, simpósios, seminários e publicados em revistas científicas, mas em nenhum momento com sua identificação. Todos os dados levantados serão guardados por um período de cinco anos no Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Desigualdade em Saúde localizado no sexto módulo na UEFS e depois disso, serão deletados/ incinerados.

Entendemos que os riscos que esta pesquisa poderá apresentar se referem à possibilidade de que alguma pergunta venha criar embaraço ou constrangimento. No entanto, garantimos que tentaremos diminuir os mesmos, esclarecendo dúvidas.

Caso você não concorde em participar, não haverá nenhum problema, mal-estar ou penalização, por parte dos pesquisadores. Ademais, caso você decida participar, poderá deixar de participar da atividade antes, durante ou a qualquer tempo.

Caso você necessite de maior esclarecimento sobre a pesquisa, a pesquisadora responsável poderá ser encontrada através do telefone (75) 3161-8469 e/ou na Av. Transnordestina s/n módulo VI, Centro de Pós Graduação em Saúde Coletiva, Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Desigualdades em Saúde, Cidade Nova, Feira de Santana-Bahia, para esclarecer quaisquer dúvidas, assim como a pesquisadora colaboradora. Este projeto foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana-Ba, conforme estabelece a Resolução nº 196/96, do Ministério

da Saúde, sobre pesquisa envolvendo seres humanos, de modo que todos os participantes deste estudo o farão espontaneamente.

Caso você aceite participar, assine ao final deste documento, que possui duas vias. Uma delas ficará arquivada sob a responsabilidade do pesquisador e a outra ficará com você. Seu responsável deverá ainda assinar também este documento autorizando a sua participação. Desde já agradecemos a sua atenção e colaboração.

Feira de Santana, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Assinatura do participante voluntário: \_\_\_\_\_

Assinatura do responsável pelo aluno: \_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável: \_\_\_\_\_

Edna Maria de Araújo



## **APÊNDICE B- Técnica de Associação Livre de Palavras**

1 Escreva cinco palavras que lhe vêm imediatamente à lembrança ao ouvir a palavra “violência”.

2 Escreva cinco palavras que lhe vêm imediatamente à lembrança ao ouvir “violência na escola”.

3 Escreva cinco palavras que lhe vêm imediatamente à lembrança ao ouvir “prevenção da violência na escola”.

4 Escreva cinco palavras que lhe vêm imediatamente à lembrança ao ouvir “promoção da paz na escola”.

**APÊNDICE C- Roteiro de entrevista**

## a) PERFIL DO ENTREVISTADO

1. Sexo: Feminino [  ] Masculino [  ]
2. Idade: \_\_\_\_\_
3. Raça/cor: \_\_\_\_\_
4. Série que estuda: \_\_\_\_\_
5. Renda familiar mensal:
  - 1() até 260,00
  - 2 () De R\$ 261,00 a R\$ 780,00
  - 3 () De R\$ 781,00 a R\$ 1.300,00
  - 4 () De R\$ 1.301,00 a R\$ 1.820,00
  - 5 () De R\$ 1.821,00 a R\$ 2.600,00
  - 6 () De R\$ 2.601,00 a R\$ 3.900,00
  - 7 () De R\$ 3.901,00 a R\$ 5.200,00
  - 8 () De R\$ 5.201,00 a R\$ 6.500,00
  - 9 () De R\$ 6.501,00 a R\$ 7.800,00
  - 10 () Mais de R\$ 7.800,00
6. Escolaridade da mãe
  - 1 () Sem escolaridade
  - 2 () Ensino fundamental incompleto
  - 3 () Ensino fundamental completo
  - 4 () Ensino médio incompleto
  - 5 () Ensino médio completo
  - 6 () Superior incompleto
  - 7 () Superior completo
  - 8 () Mestrado ou doutorado
  - 9 () Não sei informar
7. Escolaridade do pai:
  - 1 () Sem escolaridade
  - 2 () Ensino fundamental incompleto

- 3 () Ensino fundamental completo
- 4 () Ensino médio incompleto
- 5 () Ensino médio completo
- 6 () Superior incompleto
- 7 () Superior completo
- 8 () Mestrado ou doutorado
- 9 () Não sei informar

b) ROTEIRO

- 1 O que você pensa sobre violência na escola?
- 2 Como as pessoas na escola enfrentam a questão da violência, quando ela acontece?
- 3 O que pode ser feito diante da violência escolar?
- 4 Quando ocorre violência na escola, o que você faz?
- 5 O que é violência escolar?

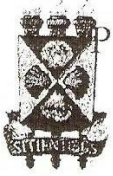
### **APÊNDICE D – Roteiro de Observação**

1. Conhecer o espaço institucional: origem histórica, localização geográfica, documentos oficiais (ato de criação, projeto político-pedagógico, planos de ensino, etc.), público que atende, infra-estrutura;
2. Observar as relações entre os agentes sociais da escola nos diferentes espaços/momentos no cotidiano escolar (sala de aula, sala de professores, recreio, corredores, etc.);
3. Observar se existem espaços/momentos de sociabilidades (festas, gincanas, jogos inter-classes, etc.) e de conflitos;
4. Observar se a escola desenvolve atividades/ estratégias para enfrentamento da violência escolar.

### APÊNDICE E- **Desenho estória com tema**

1. Represente, por meio de um desenho, o que é violência na escola.
2. Conte uma estória sobre o desenho que você fez, com início, desenvolvimento e fim.
3. Leia a estória que você fez e dê um nome para ela.

**ANEXO A- Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA / CEP-UEFS**

Av. Universitária, S/N – Módulo I – 44.031-460 – Feira de Santana-BA  
Fone: (75) 3161-8067 Fax: (75) 224-8019 E-mail: cep.uefs@yahoo.com.br

Feira de Santana, 14 de março de 2012  
Of. CEP-UEFS nº 37/2012

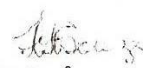
Senhor (a) Pesquisador (a): Prof. Edna Maria de Araújo

Tenho satisfação em informar-lhe que o seu Projeto de Pesquisa intitulado “**Drogas e homicídio na Bahia: o papel do disque denúncia**”, registrado neste CEP sob **protocolo nº 148/2011 (CAAE nº 0154.0.059.000-11)**, foi apreciado pelos membros do CEP-UEFS e satisfaz às exigências da *Res. 196/96*. Assim, seu projeto foi **Aprovado**, podendo ser iniciada a coleta de dados com os Sujeitos da pesquisa conforme orienta o *Cap. IX.2, alínea a* – *Res. 196/96*.

Na oportunidade informo que qualquer modificação feita no projeto, após aprovação pelo CEP, deverá ser imediatamente comunicada ao Comitê, conforme orienta a *Res. 196/96, Cap. IX.2, alínea b*.

Relembro que conforme instrui a *Res. 196/96, Cap. IX.2, alínea c*, Vossa Senhoria deverá enviar a este CEP relatórios anuais de atividades pertinentes ao referido projeto e um relatório final tão logo a pesquisa seja concluída.

Em nome dos membros do CEP-UEFS, desejo-lhe pleno sucesso no desenvolvimento dos trabalhos e, em tempo oportuno, um ano (14/03/2013) este CEP aguardará o recebimento do seu relatório.

Atenciosamente,  Eannety Conceição S. N. Souza  
VICE-COORDENADORA  
Comitê de Ética em Pesquisa -UEFS

Profª Maria Ângela Alves do Nascimento  
Coordenadora do CEP/UEFS